



História Unicap  
ISSN 2359-2370

# Os Soldados da Borracha: a migração de trabalhadores cearenses para a Amazônia no âmbito da participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial

*The Rubber Soldiers: the migration of workers from Ceará to the Amazon within the scope of Brazil's participation in World*

**Fernando Coelho Freitas\***

*tiofe1986@gmail.com*

**Maria Terezinha Bretas Vilarino\*\***

*tevilarino@yahoo.com.br*

**Mauro Augusto dos Santos\*\*\***

*mauroasantos@gmail.com*

## **Resumo:**

Este artigo tem como objetivo buscar a compreensão sobre os motivos que impulsionaram a migração de nordestinos, principalmente cearenses, para a região Norte do país no primeiro governo de Getúlio Vargas (1930-1945), em um episódio da história brasileira que ficou conhecido como “Os Soldados da Borracha”. Como metodologia, adotou-se a pesquisa bibliográfica e documental. Uma quantidade considerável de indivíduos foi estimulada a deixar o Nordeste do país e a se dirigir para a região Norte, com o objetivo de aumentar a mão de obra disponível para trabalhar nos seringais da Amazônia. A eles foram oferecidas várias garantias por órgãos ligados ao governo brasileiro. No entanto, não foram cumpridas. O esquecimento de fatos históricos pode contribuir para a criação de um imaginário que pode privilegiar determinados atores da História, como no caso de Getúlio Vargas, que historicamente ficou conhecido como “o pai dos pobres” e o completo esquecimento de outros, como é o caso desses “soldados”.

## **Palavras-chave:**

Soldados da borracha; Nordeste; Amazônia.

## **Abstract:**

This article aims to find an understanding of the reasons that motivated the migration of Northeasterners, mainly from Ceará, to the North of the country in the first Getúlio Vargas government (1930-1945), in an episode of Brazilian history that became known as "The Soldiers of Rubber". As methodology, the bibliographical and documentary research was adopted. A considerable number of individuals were encouraged to leave the Northeast of the country and go to the North, with the objective of increasing the labor available to work in the Amazonian rubber plantations. They were offered several guarantees by organs linked to the Brazilian government, but, however, these were not fulfilled. The forgetting of historical facts can contribute to the creation of an imaginary that may privilege certain actors in history, as in the case of Getúlio Vargas, who historically became known as the father of the poor and the complete forgetfulness of others, as is the case of these "soldiers".

## **Keywords:**

Rubber soldiers; Northeast; Amazon.

## Introdução

Neste artigo busca-se compreender os motivos que impulsionaram a migração de nordestinos para a região Norte do país no primeiro governo de Getúlio Vargas (1930-1945), em um episódio que ficou conhecido como “a Batalha da Borracha”. O interesse pelo tema se dá, principalmente pelo fato dessa ser uma história pouco citada em livros didáticos referentes ao período em questão

Para melhor compreender esse movimento migratório e suas peculiaridades, utilizou-se como metodologia a pesquisa bibliográfica, abrangendo trabalhos das áreas da História, Geografia, Demografia e Gestão Territorial.

## Os soldados da borracha

Entre 1939 e 1945 ocorreu uma guerra de dimensões jamais vista. A Segunda Guerra Mundial, ou Segunda Grande Guerra, contou com a participação das maiores potências mundiais e de um grande número de outras nações, que se enfrentaram em várias frentes de batalha. Essas nações alinharam-se a dois grandes blocos militares rivais: o Eixo e os Aliados. O bloco conhecido como Eixo era composto por Alemanha, Itália e Japão. O bloco dos Aliados, inicialmente, era formado por Polônia, França e Inglaterra. A União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) e o Estados Unidos da América (EUA) uniram-se oficialmente aos aliados no decorrer do conflito.

Os EUA somente enviaram tropas para os campos de batalha na Segunda Guerra Mundial, após ocorrer o ataque japonês à base norte-americana de Pearl Harbor, no Havaí, em dezembro de 1941. O ataque estava ligado ao processo de expansão territorial do Japão e ao interesse desse país em controlar a exploração de recursos minerais e vegetais no sudoeste asiático (HOBBSAWM, 1995). A entrada dos EUA ocasionou a adesão de outras nações ao bloco dos aliados, dentre elas o Brasil.

\* Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Gestão Integrada do Território da Universidade Vale do Rio Doce (UNIVALE)

\*\* Professora do Programa de Pós-Graduação em Gestão Integrada do Território da Universidade Vale do Rio Doce (UNIVALE)

\*\*\* Professor do Programa de Pós-Graduação em Gestão Integrada do Território da Universidade Vale do Rio Doce (UNIVALE)

O Brasil até 1939 tentou manter-se neutro diante da tensão mundial. O governo Vargas (1930-1945) tinha acordos comerciais com a Alemanha e com os EUA. Apoiar um dos lados, Eixo ou Aliados, significaria, provavelmente, a perda de parceiros comerciais. Diante da fragilidade econômica brasileira, o presidente da República rendeu-se aos atrativos e à pressão dos EUA, que ofereceram cooperação em áreas estratégicas para o fortalecimento da economia brasileira e para a solução de problemas de saúde e saneamento urbano e rural (CAMPOS, 2000).

A “Batalha da Borracha” foi como ficou conhecido o evento pelo qual, através dos Acordos de Washington (1942), ficou decidido que o Brasil contribuiria para abastecer o exército norte-americano com a borracha – material de suma importância na indústria bélica –, cuja produção na região amazônica deveria ser aumentada. O governo brasileiro ficou com tal responsabilidade devido ao fato da produção dos países asiáticos – principalmente a Malásia – estar sob o controle dos japoneses. “Os soldados da borracha” seriam os trabalhadores que foram convencidos a se

aventurarem na extração da borracha na região amazônica no Brasil (VAINER, 2000; GUILLEN, 1997). A borracha amazônica surgiu como opção ao esforço de guerra e os “flagelados” nordestinos da seca – principalmente os cearenses – como mão-de-obra a ser utilizada para executar a necessária tarefa de ampliar a produção nacional dessa *commodity*.

Um dos principais problemas para o sucesso da empreitada foi conseguir mão-de-obra para extração da borracha natural amazônica. A região amazônica era uma região pouco povoada, sendo que, a população local, formada em sua maioria por índios e caboclos, não se adequava ao trabalho disciplinado nos moldes capitalista, com tarefas específicas a serem cumpridas em intervalos de tempo determinados. Assim, era necessário deslocar mão-de-obra de outra região do país para a região. Entretanto, essa não seria uma tarefa simples, tendo em vista que já era conhecido, até mesmo internacionalmente, os maus tratos infligidos pelos seringalistas aos trabalhadores rurais no período áureo da extração da borracha, entre 1879 e 1912. Além da exploração da mão-de-obra, muitos morreram por diversos motivos, dentre eles, por doenças. Circulavam até mesmo boatos de que índios da região seriam canibais que se alimentavam dos trabalhadores dos seringais. Como ressalta Guillen (1997, p. 95), “a Amazônia era apreendida por um imaginário constituído de elementos contraditórios, onde sobressaía a imagem de uma floresta verde e pujante, misto de Éden e Inferno Verde”.

A intervenção do governo brasileiro foi necessária. Foi criado um programa de migração, utilizando-se investimento norte-americano, com intuito de estimular o processo migratório e dar garantias aos trabalhadores que decidissem partir para a Amazônia. A Rubber Reserve Corporation (RRC) foi designada pelo governo americano, em agosto de 1942, para financiar o programa de migração para o estado do Amazonas. Com o objetivo de se transportar 4.800 pessoas por mês, foi estabelecido um posto de embarque para os migrantes em Fortaleza e pontos de recepção e alojamentos em Belém e Manaus (CAMPOS, 2006).

Alguns órgãos foram criados, merecendo destaque o Serviço Especial Mobilização de Trabalhadores para a Amazônia (SEMTA).

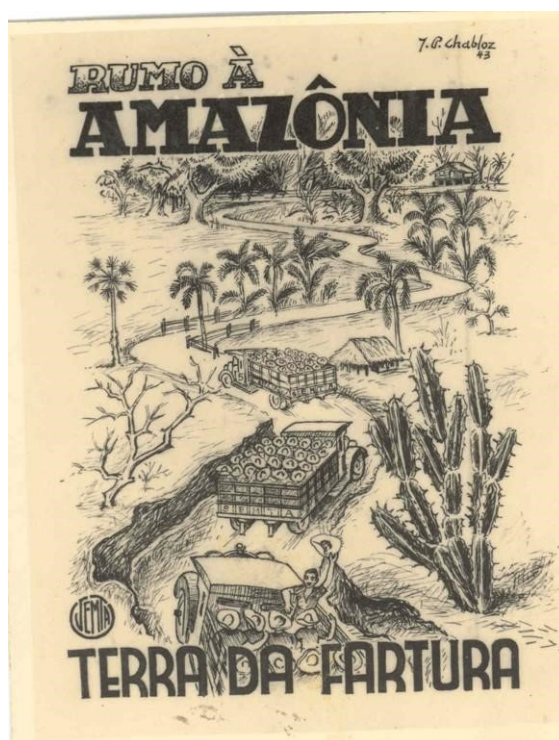
O SEMTA promoveu uma campanha agressiva para recrutar trabalhadores, mediante o uso de folhetos, cartazes e anúncios em rádios e jornais. O folheto Rumo à Amazônia, terra da fartura é um bom exemplo: exaltava o patriotismo e listava as numerosas vantagens que os migrantes receberiam ao se alistarem no ‘exército da borracha’, entre as quais o status de ‘soldados da borracha’, embora estivessem dispensados do serviço militar. As vantagens materiais incluíam o fornecimento de alimentação e alojamento; assistência médica; equipamento para viagem e trabalho; adiantamento no salário e um auxílio financeiro para suas famílias (CAMPOS, 2006, p. 141 e 142).

Outros órgãos criados foram a Superintendência de Abastecimento do Vale Amazônico (SAVA), a Comissão Administrativa de Encaminhamento de Trabalhadores para a Amazônia (CAETA) e o Serviço especial de Saúde Pública (SESP). Esse último, também foi criado no contexto dos Acordos de Washington para cuidar da saúde das pessoas que decidissem migrar para a Amazônia. O órgão esteve presente também em outras regiões do país, como em Minas Gerais e no Paraná. O SESP acabou por se tornar uma referência para a ação do Estado em relação à saúde pública no Brasil (GUILLEN, 1997; 2002).

Lee (1966), ao explicar os movimentos migratórios, ressalta que eles sempre implicam na existência de dois locais, um de origem e outro de destino, e uma variedade de obstáculos intervenientes entre esses. Segundo o autor, qualquer lugar – incluindo o local de origem – apresentaria fatores positivos (ou de *pull*), capazes de atrair migrantes; negativos (ou de *push*) responsáveis pela expulsão de migrantes; e neutros. Para que o movimento migratório ocorra, o saldo em favor do movimento deve ser suficiente forte (positivo). Os obstáculos intervenientes serviriam para “para peneirar alguns dos débeis e incapazes”, ressaltando que as migrações são sempre seletivas (LEE, 1966, p. 112).

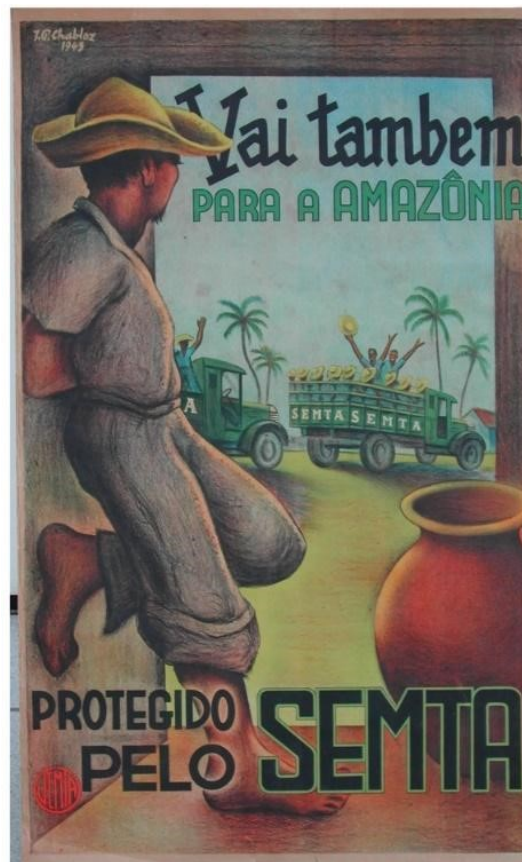
A participação do governo brasileiro deve ser considerada de grande importância para se entender os resultados da campanha. Em uma primeira análise, é de se refletir que dificilmente alguém teria a coragem ou a iniciativa de partir para a Amazônia, mesmo em tempo de seca, devido ao histórico de mortes na região durante o período áureo da borracha. No entanto, o governo Vargas contribuiu para criar no imaginário da população os fatores de *push and pull*, apontados por Lee(1966), criando o binômio seca-fartura. O Nordeste seria considerado como o local da carestia e a Amazônia o da bonança ou das terras extremamente férteis. Além disso, “para o migrante nordestino, a Amazônia era marcada por dois elementos que, ao contrário da escassez nordestina, havia em fartura: água e terra” (GUILLEN, 1997, p. 95). Um artista francês, Jean Pierre Chabloz, ficou encarregado de produzir cartazes para demonstrar a importância da “batalha da borracha”, destacando o apoio que seria dado aos recrutados pelo SEMTA.

Na Figura 1, temos um dos cartazes elaborados por Chabloz. Nele, o binômio seca-fartura fica evidente, com os caminhões repletos de nordestinos – transporte irregular de pessoas conhecido como pau-de-arara – percorrendo uma estrada que vai de um extremo a outro do cartaz. Nas margens da estrada se vê a transição da vegetação de clima semiárido, pobremente representada com apenas um cacto e uma árvore seca, para a do clima amazônico, com sua floresta adensada. Os dizeres do cartaz também associam a Amazônia à terra da fartura. E deixar a pobreza para procurar a fartura é algo que gera alegria, como a expressa pelo sertanejo que acena o seu chapéu no primeiro caminhão.



**Figura 1: Cartaz elaborado por Jean Pierre Chabloz associados a Batalha da Borracha****Poster made by Jean Pierre Chabloz associated with the Battle of Rubber****Fonte: Acervo do Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará**

Na Figura 2, temos novamente os caminhões transportando pessoas. O grupo é observado à distância por um indivíduo, para o qual se tem a impressão que os ocupantes dos dois caminhões estão acenando. Os dizeres do cartaz, associado aos acenos, são um convite para o observador – talvez representando o grupo dos indecisos –, ressaltando a proteção que seria dada pelo SEMTA aos que se aventurassem nas terras do norte do país. Os pés descalços do observador passam a ideia de um estado de pobreza.

**Figura 2: Cartaz elaborado por Jean Pierre Chabloz associados a Batalha da Borracha****Poster made by Jean Pierre Chabloz associated with the Battle of Rubber****Fonte: Acervo do Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará**

A região do país escolhida para a ação de recrutamento foi o Nordeste, principalmente o estado do Ceará. O estado cearense já possuía um histórico de enviar flagelados da seca para outras regiões do país, principalmente para a região amazônica. Em outros momentos houve grandes secas que acabaram por impulsionar a migração de uma grande quantidade de sertanejos para o litoral.

Data de 1583 o primeiro registro de seca no Brasil, feito por Fernão Cardim, um padre jesuíta que percorreu o litoral brasileiro entre o Rio de Janeiro e Pernambuco no período entre 1583 e 1590. De acordo com o religioso,

O ano de 83 houve tão grande secca e esterilidade nesta província (cousa rara e desacostumada, porque é terra de contínuas chuvas) que os engenhos d'água não moeram muito tempo, e as fazendas de canaviaes e mandioca se seccaram, por onde houve grande fome , principalmente no sertão de Pernambuco, pelo que desceram do sertão apertados pela fome soccorrendo-se aos brancos quatro ou cinco mil índios (CARDIM, 1847, p. 69).

No século XVIII já é grande o número de relatos sobre secas no Nordeste brasileiro – 1711, 1720, 1723-1724, 1744-1746, 1754, 1760, 1766-1767, 1772, 1777-1780, 1784 e 1790-1794 –, sendo também expressivo os registros desses fenômenos no século XIX – 1804, 1809, 1810, 1816- 1817, 1824-1825, 1827, 1830-1833, 1845, 1877-1879, 1888-1889, 1891, 1898 (MARENGO ET AL., 2016). Na seca iniciada em 1777, a pior do período colonial, estima-se que o Estado do Ceará perdeu cerca de 87,5% do seu gado (CAMPOS, 1997; 2014). Entretanto, foi no período imperial que as secas ganharam notoriedade no Brasil.

Após a seca de 1845, houve um período de mais de três décadas sem escassez de chuvas na região. A trégua dada pela seca levou a um aumento tanto da população humana quanto dos rebanhos na área do Semiárido Nordestino sem que, no entanto, houvessem sido realizadas melhorias na infraestrutura local. Quando, em 1877, teve início a que é considerada a pior seca enfrentada pelo Nordeste (1877-1879), a região susceptível a esse fenômeno estava povoada por uma população extremamente vulnerável. Como resultado, em torno de 500.000 pessoas vieram a óbito por fome ou por doenças associadas a inanição, sendo a população cearense novamente a mais atingida (CAMPOS, 2014; TRAVASSOS ET AL., 2015). Como ressalta Campos (1997, p. 266), a região, no período anterior a seca, não se desenvolveu de forma sustentável, sendo que isso não se deu “por questões predatórias, mas principalmente por desconhecimento da geografia física regional”.

No primeiro governo de Getúlio Vargas (1930-1945), ocorreram duas grandes secas, as de 1932-1933 e de 1941-1944. Em 1932, a solução encontrada para conter o avanço das populações vindas do sertão para as cidades em busca de trabalho e comida foi a criação de verdadeiros campos de concentração onde os retirantes eram confinados e proibidos de sair (NEVES, 2001).

A fim de prevenir a “afluência tumultuária” de retirantes famintos a Fortaleza, cinco campos localizavam-se nas proximidades das principais vias de acesso à capital, atraindo os agricultores que perdiam suas colheitas e se viam à mercê da caridade pública ou privada. Dois campos menores situavam-se em locais estratégicos de Fortaleza, conectados às estações de trem que traziam os famintos, impedindo que eles circulassem livremente pelos espaços da capital (NEVES, 2001, p. 109).

Já em 1942, o contexto histórico nacional e internacional levou o governo Vargas a estimular o deslocamento dos flagelados da seca para a região amazônica, utilizando toda a estratégia já descrita acima.

Secreto (2007) destaca a indissociabilidade do binômio seca-migração. A seca apareceria como elemento motivador do movimento populacional dos sertanejos, mas, na verdade, ela estaria associada a questões mais profundas, associadas a questão agrária que, entretanto, “no momento da falta de chuvas se apresenta como uma crise agrícola”.

A autora ressalta que o movimento migratório não tem como causa um fenômeno natural, mas sim, social (SECRETO, 2007, p. 37).

A população de Fortaleza, capital do estado do Ceará, já estava habituada a conviver com um grande número de retirantes das secas habitando as ruas da cidade.

Embora os dados sejam imprecisos, são indicativos do sofrimento e da catástrofe. Na seca de 1877-1879, a cidade de Fortaleza, com aproximadamente 25 mil habitantes, recebeu 114 mil retirantes, que transformaram a cidade na capital de um pavoroso reino. Alguns estimam que talvez tenha sido mais alto o número de retirantes, já que nem todos receberam socorros públicos e, portanto, não entraram na estatística oficial. O repórter Herbert Smith, que estava no Ceará cobrindo a seca para a Scribner Magazine, registrou que, durante a seca, 500 mil sertanejos haviam morrido de varíola e fome (SECRETO, 2007, p. 36).

Pode-se dizer que o governo brasileiro encontrou terreno fértil para implantar a propaganda da Migração. A propaganda do Governo Vargas já discutia desde a década anterior a ideia de uma “Marcha para o Oeste”. O programa consistia em estimular uma espécie de remanejamento da população brasileira. Argumentava-se sobre a importância que as bandeiras<sup>1</sup> tiveram para a História do país. A “marcha” seria um novo momento da História do bandeirantismo. A população litorânea deveria seguir rumo ao interior do país com o objetivo de habitar em áreas até então pouco povoadas, como a região Amazônica. Portanto, já existia um projeto – anterior a Batalha da Borracha – com o interesse de levar nordestinos para outras regiões do país. Entretanto, o desenrolar da Segunda Guerra Mundial atribuiu a essa tarefa um caráter de urgência, dada a necessidade de se aumentar a produção de borracha (SECRETO, 2007).

A guerra e a necessidade de borracha para a indústria bélica veio precipitar as coisas. Recorria-se ao velho esquema que tinha proporcionado o boom borracheiro: extrativismo, explorando os seringais amazônicos que estavam em mãos dos seringalistas tradicionais, aviamento-endividamento, arrendamento de estradas etc. (SECRETO, 2007, p. 58).

O Ceará havia sofrido com uma seca no ano de 1942, o que facilitava a mobilização de um considerável contingente de pessoas a ser deslocado. No entanto, os cearenses, conhecedores do histórico de outras gerações que se aventuraram na região Amazônica e que perderam as suas vidas, ou que desapareceram sem entrarem em contato com os seus familiares, não se prontificaram em alistar-se. Os termos “alistar” e “recrutamento” são aqui usados devido às ações de propaganda do governo que apelavam para o patriotismo da população colocando a ação de trabalhar nos seringais como um verdadeiro esforço de guerra. Enquanto, no litoral, os soldados protegeriam de possíveis invasões, no interior do país, no caso, na Amazônia, os seringueiros contribuiriam com a borracha tão necessária para que a guerra fosse vencida. A propaganda do Estado Novo, divulgava essa ideia, como pode ser visto na figura 3.

<sup>1</sup> As bandeiras foram expedições patrocinadas com o objetivo de encontrar índios para o trabalho forçado e, também, encontrar metais preciosos. Os bandeirantes entraram para a historiografia como um grupo responsável por desbravar o país.



**Figura 3: Cartaz elaborado por Jean Pierre Chabloz associados a Batalha da Borracha**

**Poster made by Jean Pierre Chabloz associated with the Battle of Rubber**

**Fonte: Acervo do Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará**

Mesmo a campanha patriótica não seria suficiente sem as garantias que foram consideradas fundamentais pelos trabalhadores cearenses para sua desterritorialização. Assim, o governo brasileiro elaborou um contrato que tranquilizava os trabalhadores, oferecendo garantias para eles e para suas famílias, que ficavam no Ceará. O contrato estabelecia que:

O seringueiro comprometia-se a trabalhar seis dias por semana, quer na época apropriada à extração do látex, quer no período de entressafra. Toda a borracha produzida deveria ser entregue ao seringalista. Da borracha produzida pelo seringueiro, lhe seriam creditados no mínimo 60% sobre o preço oficial que vigorava nas praças de Manaus e Belém. O seringueiro também teria direito aos animais abatidos e poderia cultivar um hectare de terra, livre de qualquer ônus (SECRETO, 2007, p. 94).

O contrato poderia ser um simples pedaço de papel para o governo ou para os seringalistas, mas era um dos principais motivadores do trabalhador, como apontam as cartas das esposas, que do Ceará, escreviam para as autoridades, inclusive para Vargas, procurando notícias dos maridos. Entretanto o contrato não foi seguido como deveria e a fiscalização para seu cumprimento na região amazônica se mostrou, no mínimo, insuficiente. Muitos foram os problemas enfrentados pelos nordestinos que decidiram emigrar, com destaque, entre outros, para as condições insalubres de moradia e o transporte precário da origem até o destino (SECRETO, 2005; 2007).

O fato é que a “Batalha da Borracha” provocou muito mais mortes do que os conflitos na frente de batalha europeia que levaram a morte soldados da Força Expedicionária Brasileira (FEB). Os números são imprecisos e parecem subestimados, mas acredita-se que mais de 30 mil pessoas, entre trabalhadores e familiares, deslocaram-se para a região Amazônica, sendo que, desses, a menor estimativa dos que perderam suas vidas ou desapareceram seria de 17 mil (CAMPOS, 2006; VAINER, 2000). Ou seja, um número muito superior aos 454 mortos da FEB.

Os números, no entanto, parecem superestimados, se tomarmos em consideração o número total de migrantes enviados para o Amazonas por todas as organizações. Edgard Carone (1976: 281) provavelmente obteve um cálculo bem próximo da realidade, ao estimar em 22.092 o total de migrantes homens recrutados e enviados para a selva. José Carlos Ribeiro, o diretor do Programa Migração,



registrou que 18.286 pessoas foram recrutadas para a Amazônia em 1943. Deste número, 10.824 eram homens jovens alistados pelo SEMTA e 7.642 eram membros das famílias recrutadas pelo DNI [Departamento Nacional de Imigração]. Se subtrairmos o quantitativo de homens jovens listados por Ribeiro do total de homens calculado por Carone para todo o programa, teremos 11268 homens adultos migrantes em 1944, provavelmente os transportados pela CAETA durante este último ano. Se, então, adicionarmos os números dos que migraram em núcleos familiares em 1943, totalizaremos 29.554 migrantes transportados durante o Programa, sem considerarmos aqueles recrutados e transportados em 1944 pelo DNI, sobre os quais não temos dados. É bastante improvável e não há qualquer indício de que o DNI tenha transportado mais pessoas em 1944 do que no ano anterior. Como vimos, no final de 1943 o número de recrutados começou a decrescer e o Programa foi encerrado em dezembro do ano seguinte. Se formos generosos e apreciarmos que, em 1944, o DNI recrutou e transportou o mesmo número de pessoas que em 1943, teremos mais 6.431 trabalhadores em 1944, o que perfaz um total de 35.995 migrantes para todo o Programa. É muito pouco provável e não temos evidências para afirmar que 30, 20 ou mesmo 17 mil pessoas tenham morrido ao término do processo (CAMPOS, 2006, p. 160 e 161).

Muitos perderam a vida na “Batalha da Borracha” e as promessas feitas aos soldados e seus familiares não foram cumpridas. Somente na Constituição de 1988, foram reconhecidas as falhas cometidas no passado com os envolvidos no evento, com o reconhecimento dos contratos e previsão indenização aos envolvidos no evento (SECRETO, 2007).

Em seu artigo 54, o texto constitucional prevê que “Os seringueiros recrutados nos termos do Decreto-Lei nº 5.813, de 14 de setembro de 1943, e amparados pelo Decreto-Lei nº 9.882, de 16 de setembro de 1946, receberão, quando carentes, pensão mensal vitalícia no valor de dois salários mínimos”. O benefício seria pago aos seringueiros ou aos seus dependentes, estando a indenização destinada apenas aos que comprovassem a situação de serem carentes.

Posteriormente, através da Emenda Constitucional nº 78, de 2014, ficou estabelecido que todos os soldados da borracha receberiam uma indenização, em parcela única, no valor de R\$25.000,00.

Vale ressaltar que as diferenças entre os soldados da borracha e os ex-combatentes da FEB vão além do tratamento diferenciado dado a participação dos dois grupos na Segunda Guerra Mundial nos livros didáticos. Como ressaltado por Baars (2009), enquanto na Constituição de 1988 foi assegurado aos soldados da borracha dois salários mínimos de pensão vitalícia – somente para os carentes –, para os ex-combatentes foi assegurada uma pensão, também vitalícia, equivalente à de um segundo-tenente, ou seja, um valor mais de quatro vezes maior.

## Considerações finais

O governo brasileiro – tendo como presidente, Getúlio Vargas – demorou para se posicionar quanto a participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial. Uma vez, tomada a decisão em entrar no conflito ao lado do bloco dos Aliados, dentro do contexto dos Acordos de Washington (1942), assumiu a responsabilidade de aumentar a produção de borracha na região da Amazônia brasileira, necessitando, para executar essa tarefa, aumentar também a disponibilidade de mão-de-obra na região.

A participação do governo brasileiro, com auxílio de investimento norte-americano, foi essencial para que fossem mobilizadas uma grande quantidade de Nordestinos que foram deslocados para a região Amazônica. O uso da propaganda foi fundamental para motivar indivíduos a deixarem seus locais de origem e se dirigirem para a uma região

na qual, em época não muito distante, alguns de seus conterrâneos haviam enfrentado péssimas condições de trabalho e até mesmo perdido suas vidas. Eles seriam os “Soldados da Borracha”, engajados no esforço de guerra.

O esquecimento dos “soldados da borracha” acabou por favorecer – quem sabe de forma intencional, embora não se possa afirmar isso – a perpetuação da imagem de pai dos pobres construída em torno da figura de Getúlio Vargas. O pobre nordestino que decidiu ir para a região amazônica, tomou tal decisão, aparentemente, por confiar nas promessas do governo, que não foram cumpridas. Embora os números sejam imprecisos, uma grande quantidade de nordestinos, principalmente cearenses perderam suas vidas neste evento que, apesar disso é pouco apresentado nos livros didáticos de História Brasileira.

## Referências:

- BAARS, Renata. Comparação entre os direitos dos soldados da borracha e dos ex-combatentes da 2ª Guerra Mundial. *Nota Técnica*, Consultoria Legislativa da Câmara dos Deputados, 2009.
- BRASIL. Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*: promulgada em 5 outubro de 1988. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm)>. Acesso em: 20 jul 2019.
- BRASIL. Constituição (1988). Presidência da República. *Decreto-lei nº 5.813, de 14 de setembro de 1943*. Aprova o acordo relativo ao recrutamento, encaminhamento e colocação de trabalhadores para a Amazônia, e dá outras providências. Rio de Janeiro, 1943. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-5813-14-setembro-1943-415790-norma-pe.html>>. Acesso em: 20 jul 2019.
- BRASIL. Constituição (1988). Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos *Emenda Constitucional nº 78, de 14 de maio de 2014*. Brasília, DF, 2014. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/emendas/emc/emc78.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/emendas/emc/emc78.htm)>. Acesso em: 20 jul 2019.
- CAMPOS, André Luiz Vieira de. *Políticas Internacionais de Saúde na Era Vargas: o Serviço Social de Saúde Pública, 1942-1960*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006, p. 113-172.
- CAMPOS, José Nilson Bezerra. Secas e políticas públicas no semiárido: ideias, pensadores e períodos. *Estudos Avançados*, v. 28, nº 82, p. 65-88, 2014.
- CAMPOS, José Nilson Bezerra. Vulnerabilidades hidrológicas do Semiárido às secas. *Planejamento e Políticas Públicas*, nº 16, p. 261- 298, 1997.
- CARDIM, Fernão. *Narrativa epistolar de uma viagem e missão jesuítica pela Bahia, Ilheos, Porto Seguro, Pernambuco, Espírito Santo, Rio de Janeiro, S. Vicente, S. Paulo, etc. desde o anno de 1583 ao de 1590, indo por visitador o P. Christovam de Gouvea escripta em duas Cartas ao P. Provincial em Portugal*. Disponível em: <<https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4790>>. Acesso em: 20 jul 2019.
- GUILLEN, Isabel Cristina Martins. A batalha da borracha: propaganda política e migração nordestina para a Amazônia durante o Estado Novo. *Revista de Sociologia e Política*, nº 9, 1997, p. 95-102.
- GUILLEN, Isabel Cristina Martins. Cidadania e exclusão social: a história dos soldados da borracha em questão. *Revista Trajetos*, v. 1, n. 2, 2002, p. 1-10.
- HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 3ª ed., 1995.
- LEE, Everett S. A theory of migration. *Demography*, v. 3, n. 1, 1966, p. 47-57.
- MARENGO, José A.; CUNHA, Ana P.; ALVES, Lincoln M. A seca de 2012-15 no semiárido do Nordeste do Brasil no contexto histórico. *Revista Climanalise*, v. 3, p. 49-54, 2016.
- NEVES, Frederico de Castro. Getúlio e a seca: políticas emergenciais na era Vargas. *Revista Brasileira de História*, v. 21, nº 40, p. 107-131, 2001.
- SECRETO, Maria Verônica. Fúria epistolar: as cartas das mulheres dos soldados da borracha - uma interpretação sobre o significado da assistência às famílias. *Revista Esboços*, v. 12, n. 14, 2005.

SECRETO, Maria Verônica. *Soldados da borracha: trabalhadores entre o sertão e a Amazônia no governo Vargas*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2007. (Coleção História do Povo Brasileiro)

TRAVASSOS, Ibrahim Soares; SOUZA, Bartolomeu Israel de; SILVA, Anieres Barbosa da. Secas, desertificação e políticas públicas no Semiárido Nordestino Brasileiro. *Revista OKARA: Geografia em debate*, v.7, n.1, p. 147-164, 2013.

VAINER, C. B. Estado e Migrações no Brasil: anotações para uma história das políticas migratórias. *Travessia*, v. 13, n. 36, abril/2000, p. 15-32.

*Submissão: 04/04/2019*

*Aceite: 13/08/2019*